

OFICINAS PEDAGÓGICAS DE COMUNICAÇÃO POPULAR

Maria do Amparo Caetano de Figueirêdo ¹

José César dos Santos ²

Eva Emília Freire do Nascimento ³

Sandra Regina Rodrigues dos Santos ⁴

Bethânia Maria de Lira ⁵

1. INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura social, é fundamental perceber a estreita relação entre o desenvolvimento dos processos sociais e a mediação destes através da comunicação, seja de forma massiva ou restrita a grupos e comunidades. Cada vez mais as práticas de comunicação estão presentes em qualquer iniciativa governamental ou não governamental, tomada no campo do desenvolvimento sócio-cultural de comunidades e nações. A dominação política, ideológica e cultural, componente essencial de outros processos de dominação, passa necessariamente pelo controle e manipulação de sentidos através da mídia.

A comunicação popular ou comunitária, ao contrário do que muitos pensavam, renovou-se teórica e metodologicamente e está despontando como grande campo de atuação profissional contemporâneo. Com a superação da idéia de que as comunidades se extinguiriam no “mundo globalizado”, e da impossibilidade de se fazer comunicação comunitária através dos meios massivos. Nessa perspectiva, é possível pensar um trabalho de comunicação comunitária cada vez mais integrado com outras áreas do conhecimento, a exemplo da pedagogia, como também, com os setores populares, na nossa experiência, com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.

Este texto baseia-se em experiência desenvolvida com crianças e adolescentes nas comunidades de Mandacaru, Rua do Rio e Baixo Róger, em João Pessoa-PB, através das oficinas de comunicação popular. Nestas oficinas foram trabalhados os direitos das crianças e dos adolescentes, tendo por base o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8.069/90 de julho de 1990, que dispõe sobre a proteção integral e universal a todas as crianças brasileiras, rompendo com a chamada doutrina da “situação irregular”, contida no extinto Código de Menores. A referida ação faz parte do Projeto: Movimento e Cidadania – uma ação de formação e organização de meninos e meninas de rua, desenvolvido em parceria com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua / Comissão de João Pessoa-PB, desde 1999, e tem como objetivo

¹ Professora do Departamento de Habilitações Pedagógicas da Universidade Federal da Paraíba

² Professor do Departamento de Comunicação e Turismo da Universidade Federal da Paraíba

³ Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba

⁴ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba

⁵ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba

criar condições para favorecer o desenvolvimento sócio-cultural de crianças e adolescentes, no sentido de reforçar a permanência desses meninos e meninas nas comunidades de origem. Este trabalho é vinculado ao programa Bolsa de Extensão – PROBEX ².

2. OFICINAS PEDAGÓGICAS DE COMUNICAÇÃO POPULAR

Um trabalho de extensão em comunicação comunitária e popular deve estar diretamente relacionado à perspectiva de formação de uma “cidadania ativa”, entendida como uma estratégia política de luta pelo reconhecimento de direitos e garantias individuais e coletivas, vinculada de forma orgânica aos movimentos sociais. Esta concepção de cidadania remete a uma infinidade de novas questões e debates: da igualdade à diferença; da saúde aos meios de comunicação de massa; do meio ambiente à moradia; da educação à formação profissional para o trabalho.

A nova noção de cidadania sobre a qual nos apoiamos implica em direito a ter direitos, a partir das demandas concretas advindas da participação e da mobilização popular. Não se dá por uma adesão passiva a propostas e espaços abertos pelos grupos dominantes, mas, requer acima de tudo sujeitos sociais ativos para construir sua cidadania: “a carência se generalizando como interesse comum e se universalizando como direito” (Dagnino, 1994, p.112)

Embora haja muitos equívocos e controvérsias no debate acerca do que seja comunicação comunitária, pode-se dizer que é um fenômeno do povo ou a ele relacionado, comprometido com a mudança social e a transformação deste em sujeito histórico. Segundo Peruzzo (1998, p.125), “é um meio de conscientização, mobilização e educação política, informação e manifestação cultural do povo”.

A partir da produção acadêmica na área e dos textos elaborados pelos próprios movimentos sociais e ONGs, as principais características da comunicação popular são as seguintes:

- desenvolve-se no contexto de luta, brasileiro e latino-americano, com a negação do que existe e criação do novo, num processo de conscientização-organização-ação das classes subalternas;
- conteúdo crítico-emancipador, com denúncia das condições gerais de vida, reivindicação de acesso aos bens de consumo coletivo, e oposição às estruturas de poder que reforçam as desigualdades;

² Programa vinculado a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal da Paraíba.

- espaço de expressão democrática, na metodologia e no conteúdo, mas que não é assegurado a priori, devendo ser construído cotidianamente; (Peruzzo, 1998, p. 124-129).

Poderíamos dizer que o principal elo entre comunicação e educação popular é a obra de Paulo Freire. Educador capaz de perceber o processo pedagógico como “um mundo de comunicação”, rico em interações não só reprodutoras mas produtoras de um novo conhecimento e relações de poder. A partir de um estudo consistente da relação entre a obra de Paulo Freire e a construção de um marco teórico para a comunicação, Melo (1998, p.275-276) fez a seguinte análise:

“...ao propor o exercício da comunicação como forma de superação da ‘cultura do silêncio’ e da ‘educação bancária’, PF não apenas quer evitar que ele seja entendido como comunicação-pela-comunicação (o diálogo despido do seu conteúdo libertador, a problematização, a presença das contradições da sociedade representadas pelas situações-limite), mas também para impedir que, em se falando da comunicação como ato revolucionário, ela seja confundida com a propaganda, tal qual tem sido usada pelos movimentos populistas”.

É baseado em princípios como estes que as oficinas pedagógicas de fotografia e outdoor foram desenvolvidas; seu objetivo foi, portanto, contribuir na formação da consciência crítica de meninos e meninas / jovens das classes populares. Nas oficinas, os meninos e as meninas são estimulados a confrontar sua vida cotidiana com as questões que envolvem a efetivação da sua cidadania, através de debates sobre seus direitos, capacidades, objetivando criar um espaço democrático, enquanto um dos referenciais para a construção de uma vida mais justa, solidária e humana. Este espaço representa, pois, uma realidade participativa e criativa, em que a relação teoria e prática é a base do processo pedagógico. Segundo González apud Candau et. al.(1995, p. 117), a oficina constitui um

“ tempo-espaço para a vivência, a reflexão, a conceitualização; como síntese do pensar, sentir e agir. Como “o” lugar para a participação, a aprendizagem e a sistematização dos conhecimentos... Em síntese, a oficina pode converter-se no lugar do vínculo, da participação, da comunicação e, finalmente, da produção social de objetos, acontecimentos e conhecimentos.”

A **oficina de fotografia** teve como objetivo registrar o olhar dos meninos e das meninas, sobre o seu cotidiano e os seus direitos³. Em cada comunidade, foram formados grupos de meninos e meninas sob o acompanhamento dos educadores, onde estes se espalharam pela comunidade e nos revelaram seus segredos, os lugares do dia-a-dia. A ênfase foi muito mais na abordagem do cotidiano das crianças e dos adolescentes do que propriamente uma simples aula de como fotografar. Cada um teve a oportunidade de mostrar o seu olhar sobre a

realidade que os rodeia, muitas vezes enfatizando as belezas das comunidades, em detrimento dos problemas sócio-econômicos enfrentados.

Os educadores passaram a conhecer mais cada comunidade, porque tiveram a oportunidade, levado pelos meninos, de ir a certos lugares completamente desconhecidos. Os meninos e meninas nos apresentaram neste percurso fotográfico pela sua comunidade suas moradas, suas escolas, os lugares onde trabalham. Os lugares “perigosos” e os lúdicos, seus becos, as matas, o mangue, o verde, a natureza sendo destruída, os rios poluídos, o lixo. Os meninos e as meninas expressaram o significado dessa oficina para as suas vidas:

Gostei, foi muito legal fotografar. Fotografei gente passando fome, criança trabalhando quando devia estar na escola. O que mais me chamou atenção foi a cena de uma criança pelada varrendo a rua e tirei a foto dela e de um homem pescando. Nina, Escola Piollin, 14 anos.

Foi uma experiência muito grande, pois foi a primeira vez que eu peguei numa máquina fotográfica, saber com é, eu pensava que apertava qualquer botão, mas agora eu sei qual é o botão apertar. Adorei a foto que eu tirei pegando o cavalo, as paisagens e as casas. Teve uma hora que eu fui tirar uma foto de um homem e ele não teve vergonha de tirar sua foto. O amigo dele disse : “ei, tú vai tirá tua foto assim todo imundo?” Ai ele respondeu: “Assim, não é assim que todo dia eu vivo? Porque ter vergonha! Vá minha filha pode bater”. Espero que outras vezes a gente repita a experiência. Rafaela, 12 anos, Piollin.

Eu achei super legal porque eu tirei fotos da comunidade que eu moro né? E é muito importante por que essas fotos que a gente tirar a gente vai fazer um trabalho, mostrar né, e vai ser importante. Nós vimos coisas muito triste. A mais marcante foi o esgoto e as crianças lá no lixo catando comida para se alimentar e foi também as crianças que tava numa casa que mora de frente ao esgoto. No lugar que a gente sempre tomava banho agora é um esgoto . Aparecida, 16 anos, Escola Piollin.

A **oficina de outdoor** representou uma mudança na utilização deste tipo de veículo de comunicação, que, embora seja genuinamente publicitária, está sendo incorporado a um trabalho educativo, contribuindo com a construção da cidadania dos setores populares.

Inicialmente, os meninos e meninas trabalharam com a temática dos 15 anos do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (1985-2000), e confeccionaram o outdoor com o selo comemorativo desta data. A partir desta experiência, cada núcleo poderá trabalhar uma série de questões que dizem respeito ao seu dia-a-dia e suas lutas em defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Durante o desenvolvimento das oficinas pedagógicas do Projeto, muitos materiais foram acumulados: desenhos, pequenos textos, cartazes, fotografias, modelagem e registros em diário de campo. Portanto, a partir desses materiais, foi produzida a Cartilha: **Movimento e cidadania – a luta pelos direitos das crianças e dos adolescentes**.

³ Com o resultado desta oficina, será realizada a exposição fotográfica: “O olhar das crianças e dos adolescentes sobre seu cotidiano”.

A cartilha teve como objetivos sistematizar e socializar os diversos materiais produzidos nas oficinas pedagógicas do Projeto, como também, registrar as reflexões sobre os 10 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente e os 15 anos do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. Na cartilha, as crianças e os adolescentes expressaram suas visões sobre os direitos fundamentais. As representações expressas nos desenhos, nas falas, são os gritos dos meninos e das meninas das comunidades populares, sobre seus direitos roubados, sua cidadania negada.

3. REFLEXÕES FINAIS

Esse trabalho proporciona a inserção de alunos (bolsistas e colaboradores), nos problemas concretos de meninos e meninas de comunidades populares, nos seus processos formativos e organizativos. Os estudantes ao entrarem em contato com a realidade cotidiana dessas crianças e adolescentes, têm a oportunidade de conhecer, investigar, articular esses conhecimentos práticos com a sua formação curricular, suas especializações e futuros estudos, procurando, assim, contribuir no redimensionamento da sua formação, para que esta possa estar articulada às demandas desses setores excluídos da sociedade.

Esta participação de alunos de diversos cursos tem possibilitado também, uma troca de experiências, favorecendo uma prática interdisciplinar, oportunizando assim, uma maior qualificação e engajamento desse alunos no enfrentamento dos problemas sociais e educacionais. Observamos uma troca de experiências – ensinamos e aprendemos – universidade e movimentos sociais, cada um contribuindo com o que lhe é mais peculiar, através das suas experiências acumuladas. Nesse sentido, o respeito às diferenças e a troca de conhecimentos: saber popular – saber acadêmico, constitui a base do trabalho de extensão com os movimentos sociais.

Enfim, é importante salientar que o processo de formação e organização dos meninos e das meninas faz parte da luta mais ampla pela conquista da cidadania das crianças e dos adolescentes excluídos de seus direitos básicos. O projeto tem proporcionado dentro do seu alcance específico, uma conscientização para o exercício da cidadania das crianças e dos adolescentes e possibilitado aos mesmos o contato com recursos de comunicação popular.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.
DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, Evelina (Org.) . **Anos 90** : política e sociedade no Brasil. São Paulo : Brasiliense , 1994.
ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.

FIGUEIREDO, Maria do Amparo Caetano de. **Cotidiano e resistência**: a vida de meninos e meninas de rua em João Pessoa - PB. Dissertação de Mestrado em Educação- UFPB, João Pessoa, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

----- . **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 18^a ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 19 (Coleção polêmicas do nosso tempo)

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação** : paradigmas latino-americanos. Petrópolis – RJ : Vozes, 1998.

MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA. Cidadã criança, cidadão adolescente: contribuições para a definição de uma política para a infância e juventude no Brasil. S/D.

PERUZZO, Cecília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares** : a participação na construção da cidadania. Petrópolis –RJ : Vozes, 1998.

RIZZINI, Irene. (Org.) **A criança no Brasil hoje**: desafios par o terceiro milênio. Rio de Janeiro : editora Universitária Santa Úrsula, 1993.